

BOLÍVAR LAMOUNIER

# Liberais e antiliberais

*A luta ideológica do nosso tempo*



Copyright © 2016 by Bolívar Lamounier

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Gustavo Soares

*Preparação*

Andressa Bezerra Corrêa

*Índice onomástico*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Lamounier, Bolívar

Liberais e antiliberais : a luta ideológica do nosso tempo / Bolívar Lamounier. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2833-4

1. Brasil – Política e governo – História 2. Ideologia – História 3. Intelectuais e política 1. Título.

16-07976

CDD-320.98106

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Política e governo

320.98106

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

<i>Agradecimentos</i> .....	9
<i>Apresentação</i> .....	11
 Introdução .....	 15
1. <i>Homo politicus</i> (ídolos da tribo) .....	27
2. Ideologia e realidade (ídolos da caverna) .....	48
3. Identificação, recriação e purificação (ídolos do teatro) ....	64
4. Conceito de democracia (ídolos do mercado) .....	83
 <i>Bibliografia comentada</i> .....	 117
<i>Bibliografia geral</i> .....	131
<i>Índice onomástico</i> .....	141

# Apresentação

Meu objetivo neste livro é pôr em relevo os fundamentos do conhecimento político *in actu*, entendendo por tal não apenas a ciência política acadêmica, mas primeiro e sobretudo os elementos cognitivos das três grandes ideologias do século xx — liberalismo, de um lado, marxismo e fascismo, do outro.<sup>1</sup> Pressuponho que, mesmo nos países mais adiantados, os agentes políticos e os segmentos mais politizados da sociedade frequentemente *font de la prose sans le savoir*, pois é através de uma combinação das grandes ideologias com o conhecimento academicamente elaborado que eles apreendem o entorno no qual se movem e sobre o qual atuam.

A ideia de atualidade no subtítulo do livro tem duplo sentido: contemporâneo e *in actu*, o oposto de potencial, indicando tratar-se de conceitos e imagens a que um grande número de in-

1. Em que pese seu importante progresso na segunda metade do século xx, a ciência política acadêmica responde por uma fração apenas do conhecimento *in actu* e não poderia ser de outra forma, já que se trata de um instrumental pouco acessível à maioria dos cidadãos.

divíduos de fato recorre para se orientar dentro do (ou em relação ao) sistema político. Muitas obras examinam as bases teóricas de determinada área a partir de um princípio fundamental, ou de um autor — ou conjunto de autores — considerado seminal. Eu me esforçarei por fazê-lo de forma incidental, avaliando criticamente o conhecimento produzido em quatro áreas temáticas por meio de certas abordagens características.

O que denomino cerne cognitivo de uma ideologia pode ser entendido como um conjunto de sensores — *templates*, “programas” ou modelos de análise —, em graus variáveis de abstração, constituídos em parte através do aprendizado formal e em parte pela evocação de situações vividas — entre outras fontes. Tais “programas” não são totalmente racionais; ao contrário, o normal é encontrá-los linguisticamente associados a emoções, valores, sentimentos e ressentimentos. A boa compreensão de tais elementos requer um balizamento hermenêutico consistente; recorrerrei para tanto à teoria dos ídolos de Bacon, explicada na Introdução.

Os conhecimentos hoje disponíveis sobre os 75 anos da experiência soviética deitaram por terra a visão relativamente benévola de certos círculos a respeito do marxismo, tido como uma doutrina “humanista” e em tese democrática, ao contrário do fascismo, inapelavelmente condenado como um mero culto do irracional e da violência. Tanto no plano ideológico quanto no da história real — como regimes, ideologias —, ambos foram e são hostis às bases filosóficas e às instituições da liberal-democracia. A interpretação preponderante hoje é a de que as diferenças entre ambos são muito menores do que os marxistas, em particular, se empenhavam em fazer crer. Em relação aos judeus, é certo que a malignidade nazifascista atingiu o limite do concebível, mas não cabem mais dúvidas quanto ao caráter totalitário dos experimentos hitlerista e soviético, sendo completamente descabido especu-

lar que um tenha sido mais democrático ou seja mais compatível com os valores da democracia do que o outro.

De fato, podemos afirmar sem temor a erro que democracia × totalitarismo foi a antinomia ideológica e política fundamental do século xx. O fascismo desapareceu praticamente como força política organizada no transcurso da Segunda Guerra Mundial, mas o marxismo — mais ou menos confinado ao âmbito europeu até essa guerra — expandiu-se a partir de 1945, foi reforçado pela Revolução Chinesa de 1949 e ganhou dimensão planetária no contexto da Guerra Fria.

O quadro acima esboçado nada tem de original: começou a ser exposto já ao fim da Segunda Guerra por filósofos, cientistas políticos e historiadores da mais alta estirpe, entre os quais Cassirer, Popper, Aron e Lilla, cujo trabalho foi desde então enriquecido por um grande número de estudos teóricos e por pesquisas específicas sobre regimes e autores específicos, indicados na Bibliografia Comentada.

O que me levou a retomar a temática precedentemente delineada foi a continuidade de certas ameaças à democracia no mundo contemporâneo — ameaças alimentadas em larga medida por ingredientes ideológicos, simbólicos e religiosos. O pano de fundo da inquirição é o desaparecimento do fascismo e o colapso da URSS e de seus satélites no Leste Europeu na virada do século xx para o xxi. Em retrospecto, é fácil perceber que esse segundo acontecimento deu ensejo a um otimismo exagerado e a diversos equívocos de avaliação, como os consubstanciados nas expressões “fim da história” e “universalização da democracia”. Tentando situar-me numa perspectiva mais sóbria, mantenho que a democracia permanece globalmente vulnerável a pelo menos três riscos: a corrosiva hostilidade de uma parcela dos cidadãos às instituições da democracia representativa; um “ideologismo” por vezes exaltado e virulento, embora não monolítico e de

alcance mundial como o foi no passado o marxismo-leninismo; e o terrorismo internacional, notadamente aquele patrocinado pelo fundamentalismo islâmico. O potencial disruptivo desses riscos varia naturalmente de um país para outro, mas não há como descartar a possibilidade de certa sinergia entre os três, mesmo em alguns países do Primeiro Mundo. Sobre sinergias, é importante lembrar que em certos países a corrupção agudizou a hostilidade às instituições democráticas e, em outros, movimentos guerrilheiros de esquerda se aliaram ao narcotráfico.

A organização do livro decorre diretamente da natureza dos temas tratados. Não sendo um estudo lógico-formal, a estrutura não pode ser dedutiva, cartesiana; mas tampouco se trata de estudar uma hipótese factual particular, a ser explorada a partir de um conjunto específico de dados, segundo os métodos da ciência social empírica. À falta de uma descrição melhor, ocorre-me compará-la aos *Quadros de uma exposição*, obra do compositor russo Mussorgski: uma sequência de quadros bastante diferentes entre si, mas interligados por um insistente fio melódico — no caso, a contraposição liberalismo × antiliberalismo como um dos principais fundamentos do conhecimento político.